

A literatura como instrumento de análise para a compreensão do espaço urbano de Salvador

Selma Paula Batista

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A literatura como instrumento de análise para a compreensão do espaço urbano de Salvador

*Selma Paula Batista*¹

Este artigo visa a contribuir com a discussão já lançada no âmbito da Geografia, e esta publicação é o resultado do empenho, da visão e da perseverança dos professores Délio José Ferraz Pinheiro e Maria Auxiliadora da Silva, que estimularam em nós, geógrafos, o uso da Literatura como instrumento de análise para a compreensão da formação do espaço urbano, em especial o da cidade de Salvador.

Num primeiro momento, uma proposta lógica: a de se perceber que a prática deste exercício requer a aplicação e o uso de um conceito geográfico que possibilite ultrapassar o nível da ficção, resgatando o processo de formação espacial da estrutura urbana da cidade.

O ponto de partida tem seu foco na leitura que fazemos do espaço compreendido na literatura como o espaço apreendido pelo autor, podendo ser real ou imaginário, fruto da leitura que o mesmo faz do ambiente no qual insere cada personagem ao longo da trama. Na Geografia, segundo Santos (1985), o espaço é o todo, natural ou psíquico, onde o homem intrinsecamente está inserido.

Para validar a análise da formação do espaço urbano da cidade de Salvador, optamos por aplicar o conceito geográfico de espaço de Santos (1985), contemplando as categorias que o compõem – forma, função, estrutura e processo –, na interpretação do romance *Suor* (1934) de Jorge Amado, a partir de três casos:

- o Casarão, nº 68 da Ladeira do Pelourinho, como objeto de investigação;
- a escada, como o fixo contido no objeto de análise;
- as ações, os diálogos e a narrativa dos personagens, como os fluxos que atravessam o fixo.

O Casarão nº 68 da Ladeira do Pelourinho é o cenário escolhido pelo autor, para onde convergem os fatos narrados. Na análise geográfica, ele representa a compreensão do espaço. Como objeto, determina sua localização geográfica no território.

A escada é uma parte do Casarão que representa um importante papel no cotidiano dos personagens. Ela é vista pelo autor como ponto de partida e de chegada de todas as angústias, emoções e esperança dos moradores. Na análise geográfica, ela é um fixo que interage com o objeto contido no espaço, através de seus fluxos.

As ações, os diálogos e as narrativas dos personagens são movimentos que percorrem a escada ao longo da trama, criando neles um elo invisível de amizade, de familiaridade. Na análise geográfica, esses movimentos assumem a forma de fluxo que age diretamente no fixo – a escada.

À combinação dos fluxos que atravessam o fixo é atribuída uma nova análise do conceito espacial, possibilitando descobrir uma estrutura social real que perpassa a ficção. Essa será uma ferramenta indispensável para a fundamentação da dinâmica espacial vivida pela cidade de Salvador, e que nos propomos a resgatar.

Suor (1934) começou a ser escrito em 1928, fase em que Jorge Amado vivia intensa militância política. Nessa época, com 16 anos, trabalhava também como repórter policial do Diário da

Bahia. Residente na Rua dos Quinze Mistérios, no Pelourinho, criou ali o cenário de sua trama, tendo como objeto de análise o Casarão de número 68 da Ladeira do Pelourinho, onde hoje está instalado o Hotel do Pelourinho.

Visto da rua o prédio não parecia tão grande. Ninguém daria nada por ele. É verdade que se viam as filas de janelas até o quarto andar. Talvez fosse a tinta desbotada que tirasse a impressão de enormidade. Parecia um velho sobrado como os outros, apertado na Ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos raros. Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandes na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina. Nos 116 quartos, mais de 600 pessoas. Um mundo. Um mundo fétido, sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente. Operários, soldados, árabes de fala arrevesada, mascates ladrões, prostitutas, costureiras, carregadores, gente de todas as cores, de todos os lugares, com todos os trajés, enchiam o sobrado. Bebiam cachaça na venda do Fernandes e cuspiam na escada, onde, por vezes, mijavam. Os únicos inquilinos gratuitos eram os ratos. Uma preta velha vendia acarajé e mugunzá na porta. (*Suor*, 1934. p. 10)

Na obra, a trama transcorre através dos diálogos e narrativas do cotidiano da população residente no Casarão, administrado por imigrantes que para cá vieram, transformando os solares em lugares para morar, para comércio clandestino, para acampamento de retirantes fugitivos da seca e, sobretudo, para abrigo da prostituição, crescente nessa época.

O Brasil vivia um rápido processo de desenvolvimento econômico, com o aumento de suas reservas, enquanto, dialeticamente, promovia a exclusão social. No contexto local, grandes investimentos eram injetados na zona do cacau, favorecendo a agricultura e promovendo a especulação imobiliária, que, para atender à demanda da elite soteropolitana e de investidores estrangeiros, criava novos espaços para morar. A classe média e a elite, que residiam no Pelourinho, abandonaram os solares e ocuparam novas construções, mais arrojadas, conforme ditavam os padrões europeus.

Nessa dinâmica da cidade, novas funções são atribuídas aos lugares. Ao Pelourinho, na época ignorado no projeto urbanístico proposto pelo Estado, coube abrigar um grande contingente da população desassistida, que não contava com nenhuma infraestrutura. Seu processo de urbanização só ocorreria a partir dos anos 90, quando o Estado, num projeto de recuperação do Patrimônio Histórico, concede-lhe o título de Centro Histórico, sendo roteiro turístico obrigatório nos circuitos nacional e internacional, muito embora, por trás das fachadas multicores, ainda haja grandes vestígios de pobreza, miséria e exclusão, herdadas da década de 30, quando as dissidências oligárquicas culminariam na chamada Revolução de 30, o que gerou um grande movimento de oposição desde o Rio Grande do Sul até o Nordeste do país, num amplo trabalho de conscientização da classe operária a respeito da práxis do capitalismo. Em Salvador, o movimento estourou entre os operários das linhas de bonde. A mídia, já começava a ser um veículo favorável às ações do poder político, em oposição às questões sociais.

O jornal estava com muita matéria política, de forma que deu uma notícia de meia coluna com o retrato do morto, no necrotério. O título, em letras gordas, opinava:

COVARDE, COMO ESTAVA SEM TRABALHO ENFORCOU-SE

[...]O jornalista se esqueceu de dizer que Manuel de Tal procurava trabalho por toda a cidade e que os patrões lhe respondiam com a única palavra: **CRISE**. Que o operário não comia há dois dias e ia ser posto fora do quarto, etc. (*Suor* 1934. p. 91)

A esperança de melhores condições e qualidade de vida eram retratadas através das ações de Álvaro, personagem de conduta revolucionária, e da tímida, porém militante Linda, que lutavam para colocar em prática os seus ideais.

Enquanto uma parte da cidade crescia, a outra se transformava em periferia, a depender dos interesses de cada grupo. Lugares como a Rua Chile, que outrora fora o local de compras da elite, passavam a ser ocupados pela população pedinte.

Procurava-a todos os dias na Rua Chile, onde ela mendigava mostrando os filhos aos passantes:

- Tenha pena dessas crianças sem pai... (*Suor*, 1934. p. 113).

Mas há de se perguntar: em que difere o que é apresentado, na citação acima, do livro publicado em 1934, da leitura que podemos fazer hoje, quase sete décadas depois, da mesma Rua Chile, da Ladeira do Pelourinho, do atual Centro Histórico e da cidade de Salvador, numa base territorial historicamente determinada?

Jorge Amado, em *Suor*, foi uno e singular, no seu olhar. Na leitura dos fragmentos sobre o cotidiano do povo que naquele lugar habitava, depreende-se não haver fronteiras entre pessoas, conceitos, etnias e culturas; pelo contrário, lá se homogeneizavam, tornavam-se unos e singulares em suas ações.

- Você não vê? Nós fizemos uma outra escada na casa.

- Como? - O Vermelho não entendia...

- Sim. A escada era a única coisa que ligava os inquilinos...
Hoje há outra, a solidariedade que nós despertamos...

Álvaro Lima comentou:

- Trabalho silencioso...

Linda sorriu. Ouviu os ruídos todos:

- É verdade. Outra escada...

O judeu concluiu:

- Hoje não são apenas homens e mulheres, inquilinos. É uma multidão...

Como era um dia de sessão grátis no Olímpia, a casa se movimentava e daí a pouco se jogaria pela escada. Ouviram a voz de Julieta no sótão:

- Anda depressa se não a gente perde a comédia...(*Suor*, 1934. p. 158).

A escada, paralela e invisível, aos poucos foi sendo construída, alicerçada em princípios de dignidade e solidariedade, o que permitia àquele “povo” adotar conceitos de vida peculiares ao cotidiano da comunidade que haviam criado e na qual estavam inseridos, apesar da pressão dos movimentos externos que os comprimiam cada vez mais para o interior do espaço periférico que lhes havia sido “designado” habitar.

Conclusões

O exercício proposto nos mostra, assim, como, com os personagens amadianos, uma nova escada se constrói no âmbito das práticas pedagógicas da Geografia.

Subir ou não depende da postura ética e social que cada geógrafo deve ter como educador. O uso da literatura como instrumento de análise para a compreensão do espaço geográfico, com certeza, já trouxe bons resultados para a base teórica e metodológica que nos propomos a discutir, atendendo à premissa maior proposta por Milton Santos, segundo a qual o espaço, constitui-se numa instância da sociedade.

... o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada - subordinante. E, como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia... (Santos, 1978. p.145)

Que arrisquemos os primeiros degraus, saindo do “status quo”, para uma atuação se não global, ao menos local.

NOTAS

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. *Suor*. Rio de Janeiro: Record, 1934. 164 p.

FRAGA, M. A cidade de Jorge Amado. In: *BAHIA a Cidade de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000. Atas do Ciclo de Palestras “A Bahia de Jorge Amado”.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

_____. *Espaço e método*. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.

_____. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1994. 190 p.